



## ROSTOS, SELFIES E NUDES: AFETOS EM APLICATIVOS DE HSH<sup>1</sup>

### FACES, SELFIES AND NUDES: AFFECTS IN MSM APPS

Thiago Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho visa considerar a importância do rosto dentro dos contatos realizados em aplicativos de homens que fazem sexo com homens e seus desdobramentos dentro do imaginário homossexual. Neste contexto, também é feita uma aproximação entre a prática das selfies e dos registros de nudez - *nudes* - sendo os últimos uma forma de retrato expandido do sujeito que visa a um convite de encontro futuro imediato. Como conclusão, tem-se o rosto, mesmo que ausente em um primeiro contato, apresentado posteriormente de forma discreta, sendo um importante signo para a comunicação interpessoal e as *nudes* como uma forma de substituição da figura do rosto em alguns casos.

**Palavras-chave:** Aplicativos de relacionamento; Rosto; HSH; Selfie; *Nude*;

**Abstract:** This paper aims to consider the importance of the face within the conversations made in the apps of men who have sex with men and their unfolding within the homosexual imaginary. In this context, there is also an approach between the practice of selfies and nudity registers - *nudes* - the latter being a form of expanded portrait of the subject for an immediate future invitation for encounter. As conclusion, we have the face figure, even if it is absent in a first contact, being presented later in a discreet way, being an important sign for interpersonal communication and *nudes* being a form of substitution of the face figure in some cases.

**Keywords:** Dating apps; Face; MSM; Selfie; *Nude*;

A absorção dos smartphones nas práticas culturais permitiu uma virada comportamental em relação ao que era realizado antes de seu surgimento. Novas formas de consumir, comunicar e criar afetos foram se formando, assim como questões que podem ser sintomáticas do contemporâneo ou que promovem reavaliações de hábitos tradicionais. Neste escopo é realizada uma investigação acerca dos aplicativos (*apps*) de relacionamento de homens que fazem sexo com homens (HSH)<sup>3</sup> e seus afetos mediados por smartphones.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 30/04/2019 e aceito para publicação em 15/06/2019.

<sup>2</sup> Mestre em Artes da Cena (UFRJ), bacharel em Rádio e Tv e em Psicologia (UFRJ).

<sup>3</sup> Sigla usada por instituições de saúde para designar, de forma ampla, homens que realizam atividades sexuais com seus iguais, independente da orientação sexual.

Tal investigação é feita a partir da análise de imagens de perfis de usuários que não apresentam um rosto - algo que é constantemente pedido para a realização de conversas - e o papel das *nudes*, uma forma de selfie que desloca seu foco do rosto para a região genital. A proposta dessas enquanto selfie surge a partir da ideia de retrato expandido, um conceito inspirado em "campo em expadido" de Rosalind Krauss (1979)<sup>4</sup>. Ao evocar uma expansão, um retrato fotográfico e o papel do rosto ultrapassam a concepção de retrato tradicional, onde um ideal de essência do sujeito pode ser apreendido através de uma ideia que consegue refletir algo do mesmo, sendo um substituto.

Ao se referir à questão do rosto – presença, ausência ou transfiguração órgãos genitais - é abordada sua compreensão a partir de teóricos como Deleuze e Guattari (1996), Levinas (1980) e Sloterdijk (2011) que trabalham questões distintas acerca do que é entendido como rosto pela sociedade. Este pode estar envolvido em questões políticas, em uma relação de poder de um processo de rostidade que possibilita identificações e/ou exclusões dos sujeitos (DELEUZE; GUATTARI, 1996); ele pode surgir a partir de uma relação de alteridade que evoca o que é o humano, possibilitando relações morais com o outro (LEVINAS, 1980); assim, como operar dentro de relações que podem ser próximas (como a materna) ou abstratas, possibilitando uma abertura do rosto. Essa abertura possibilita o humano estar aberto ao próximo (SLOTERDIJK, 2011).

As teorias abordam a relação do sujeito com o outro, mas e a relação desse com seu próprio rosto? Um rosto na Antiguidade é um rosto para o próximo, no qual ao ser visto, compreende-se que foi a pessoa a ter lhe olhado. Mas como um rosto pode marcar um "eu" e não para quem olho? Somente após o século XVI, numa cultura de espelhos é possível crer em um rosto para o outro e para si, uma cultura na qual era possível "encontrar uma imagem que correspondesse precisamente ao que os outros viam" (MUNFORD, 1955, p. 129, tradução nossa). Neste âmbito de presença especular,

A autoconsciência, a introspecção e a conversação espelhada se desenvolveram com o novo objeto em si [...] e [no] sentido da personalidade separada, uma

---

<sup>4</sup> Para Krauss (1979), esta expansão iria se diferir das concepções modernas de negação e ruptura de momentos artísticos anteriores. Ao expandir, há uma nova proposição artística de composição que transita entre diversos meios e suportes artísticos.

percepção dos atributos objetivos da identidade de alguém, cresce fora desta comunhão.

O uso do espelho assinalou o início da biografia introspectiva no estilo moderno: isto é, não como um meio de edificação, mas como uma imagem do eu, suas profundezas, seus mistérios, suas dimensões interiores. O eu no espelho corresponde ao mundo físico que foi trazido à luz pela ciência natural na mesma época: era o eu *in abstracto*, apenas parte do eu real, a parte que se pode separar do pano de fundo da natureza e a influente presença de outros homens (MUNFORD, 1955, p. 129, tradução e grifo nosso)<sup>5</sup>.

Deste modo, qual o lugar do rosto e *nudes* nos afetos e representações dos sujeitos? Será feita uma análise imagética dos avatares a partir das representações apresentadas no estudo de Bonfante (2016) que foram realizadas por Camilo Martins e Miriam Kajiki. Essa escolha é feita para evitar, de forma ética, expor os usuários e, concomitantemente, abordar as imagens com os elementos pertinentes à pesquisa. Um exemplo de disposição de perfis em um dos aplicativos pode ser entendida através do exemplo da figura 1.

Figura 1: Disposição de perfis dentro de um aplicativo de HSH



Fonte: Camilo Martins e Miriam Kaji. In: Bonfante, 2016, p. 88

<sup>5</sup> No original: Self-consciousness, introspection, mirror-conversation developed with the new object itself: this preoccupation with one's image comes at the threshold of the mature personality when young Narcissus gazes long and deep into the face of the pool-and the sense of the separate personality, a perception of the objective attributes of one's identity, grows out of this communion.

The use of the mirror signalled the beginning of introspective biography in the modern style: that is, not as a means of edification but as a picture of the self, its depths, its mysteries, its inner dimensions. The self in the mirror corresponds to the physical world that was brought to light by natural science in the same epoch: it was the self *in abstracto*, only part of the real self, the part that one can divorce from the background of nature and the influential presence of other men.

Como hipótese, ao se tratar de algum nível de afeto, o rosto tem papel fundamental nas relações interpessoais em *apps*, mesmo que sejam efêmeras. As *nudes* podem ser um substituto para o rosto, funcionando como selfies que promovem um desejo em potencial. Ao abordar a figura do rosto no aplicativos de relacionamento HSH, é possível ver sua articulação com o restante do corpo, evidenciando diferentes formas de representação do sujeito, uma vez "que o corpo contém o rosto" (BONFANTE, 2016, p. 68). Pensar o rosto para além de onde está localizado - como na figura das áreas genitais - e seu papel nos *apps* evoca que nos perfis de HSH "em diferentes plataformas que viabilizam encontros [...], o falo é invocado como signo de si, como signo do macho. [...] nas performances dos sujeitos, "o pênis torna-se o rosto do corpo" (ZAGO, 2009, p. 6 *apud* BONFANTE, 2016, p.270).

### O que habita um rosto e o "giro copernicano" da fotografia

O rosto é local de provocações e inquietações ético-morais e teóricas desde o período socrático. Em um dado momento, um estrangeiro que entendia de rostos, segundo Nietzsche (2006, p. 19), disse à Sócrates [...] que ele era um *monstrum* - que abrigava todos os vícios e apetites ruins. E Sócrates respondeu apenas: "O senhor me conhece?". Tal passagem revela o rosto como uma forma de compreender o outro, revelando virtudes e fraquezas do sujeito, podendo evocar uma alteridade que contempla uma subjetividade e uma identidade (BUTLER, 2004), algo semelhante ao desejo de reconhecimento hegeliano.

Figura 2: Exemplo de usuário pedindo registro de rosto



Fonte: Camilo Martins e Miriam Kaji. In: Bonfante, 2016, p. 67.

Na figura 2, um usuário de um dos *apps* atesta: "Sem foto de rosto[,] não converso! Séc XXI e você ainda esconde o rosto?", denotando desejo de se comunicar com um humano, uma identidade, e não com o que está escondido. Esta vontade entra em confronto com as motivações de esconder o rosto na experiência de HSH, seus tabus, preconceitos, estereótipos e arquétipos. Essa identidade não precisa estar diretamente relacionada ao rosto como indica Levinas (1980), pois ele "não é precisa ou exclusivamente um rosto humano, apesar de comunicar o que é humano" (BUTLER, 2004, p. XVIII, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Para Levinas (1980), o rosto não é uma estrutura que está localizada na cabeça de alguém, é uma forma da própria alteridade, "modo como o outro se apresenta ausentando-se, a presença do outro, seu rosto, é vestígio (trace), escapa à conceitualização, conceitualização em que as formas plásticas recaem" (RODRIGUES, 2016, p. 400). Este fenômeno pode ser explicado através do processo de rostidade, conceito trabalhado por Deleuze e Guattari (1996) que não abordam uma ética do rosto, mas uma produção maquínica e política do mesmo. Os autores introduzem o rosto como algo imposto ao sujeito, influenciando sua identidade, refletindo a

preocupação obsessiva do Ocidente pelo rosto como um significante, mas também [...] como uma ilusão ocidental da subjetividade individual. A própria ideia de individualidade é, portanto, social e historicamente construída e contingente, e o retrato cresce e reforça esse conceito particularmente ocidental (WEST, 2004, p. 17, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Neste contexto, a rostidade seria o que faz um rosto ser um rosto, visto que há inúmeros seres que possuem uma cabeça, mas que não são vistos como detentores de um. Sua figura e importância remeteria a um rosto *uno*, o de Jesus, uma figura universal a todos, sendo um cerne ontológico do homem branco que vai se tornando o padrão através da figura de Cristo:

---

<sup>6</sup> No original: [...] face is not precisely or exclusively a human face, although it communicates what is human.

<sup>7</sup> No original: [...] obsessive concern of the West for the face as a signifier, but also [...] illusion of individual subjectivity. The very idea of individuality is thus socially and historically constructed and contingent, and portraiture both grows from and reinforces this particularly Western concept.

o rosto é o cristo, quer dizer o Homem branco médio qualquer, as primeiras desvianças, os primeiros desvios padrão são raciais: o homem amarelo, o homem negro, homens de segunda ou terceira categoria. Eles também serão inscritos no muro, distribuídos pelo buraco. [...] O racismo procede por determinação das variações de desvianças, em função do rosto Homem branco que pretende integrar em ondas cada vez mais excêntricas e retardas os traços que não são conformes, ora para tolerá-los em determinado lugar e em determinadas condições, em certo gueto, ora para apagá-los no muro que jamais suporta a alteridade (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 45).

Todavia, ao contrário de Deleuze e Guattari (1996) que abordam um rosto político, Sloterdijk (2011) busca uma origem ontológica da face, partindo da Idade da Pedra, de onde foram encontrados desenhos de pessoas que não haviam face "como se para os primeiros humanos, não apenas seus próprios rostos fossem invisíveis, mas também os de seus companheiros" (SLOTERDIJK, 2011, p. 171 tradução nossa)<sup>8</sup>. Nesta concepção, a importância do rosto só viria a ser uma questão de identificação quando as pessoas comessem a viver aglomeradas nas cidades, desta forma, a rostidade estaria atrelada a como as mudanças sociais ocorrem, como no caso dos afetos ocorridos antes e após o advento dos smartphones e redes sociais. O rosto, neste contexto, sofre um processo de prostração, um processo cultural e biologicamente evolutivo, uma "clareira do ser no rosto humano; nos convida a conceber a história do ser como um evento somático" (SLOTERDIJK, 2011, p. 164 tradução nossa)<sup>9</sup> que ocorre na proximidade com o outro. Assim, há três compreensões acerca do rosto e do seu papel entre os sujeitos: uma moral (LEVINAS, 1980), política (DELEUZE; GUATTARI, 1996) e de união (SLOTERDIJK, 2011).

Tais teorias, somadas ao hábito de se olhar no espelho, propicia o surgimento de uma sociedade capaz de visualizar a projeção de seu corpo através do reflexo, criando uma presença especular (MUNFORD, 1955). Assim, começa a germinar a ideia de autobiografia e da figura do rosto que pode ser contemplada imediatamente através de um espelho. Deste modo, cria-se um ambiente frutífero para o ambiente do retrato e do autorretrato.

<sup>8</sup> No original: [...] as if for early humans, not only their own faces were invisible, but also those of their fellow men and women.

<sup>9</sup> No original: [...] the clearing of being in the face; it invites us to conceive of the history of being as a somatic event.

No caso da fotografia, pode-se ter como ponto de partida o século XIX, com o advento da câmera fotográfica. Com o foco no rosto, sua popularidade foi aumentando com o decorrer do tempo, passando por diversas mudanças econômicas, artísticas, tecnológicas, entre outras até acontecer o "giro copernicano"<sup>10</sup> fotográfico, no qual "a câmera desgruda do olho, afasta-se do sujeito que a controlava e, à distância de um braço estendido, volta-se para fotografar justamente esse sujeito. Acabamos de inventar a *selfie*" (FONTCUBERTA, 2016, §2).

Diferente do (auto)retrato tradicional e do digital, a selfie se distingue pela prática de "tirar uma imagem fotográfica de si mesmo, usar a câmera de um smartphone e compartilhar esta imagem em alguma rede de mídia social (TIFENTALE, 2016, p. 75, tradução nossa)<sup>11</sup>. Esta definição é importante para não confundir selfie e autorretrato, visto que em muitas mídias, é posto que o fotógrafo americano Robert Cornelius teria feito a primeira selfie em 1839 com o auxílio de um daguerreotipo, mais de 150 anos antes da invenção da internet e da fotografia digital. A selfie pode indicar um certo determinismo tecnológico, "mas o papel das tecnologias na cultura visual, e especialmente na fotografia" (TIFENTALE, 2016, p. 74, tradução nossa)<sup>12</sup> é um fator a ser considerado. Este tipo de autorretrato é um evento passível de ser datado com o auxílio de certas tecnologias que auxiliaram na eclosão de sua prática, como a integração de uma câmera fotográfica frontal no smartphone iPhone 4 em 2010. Smartphones, diferente das câmeras digitais anteriores, terão uma "câmera em rede" (*networked camera*), um aparelho híbrido que tem

um aparelho realizador, compartilhador e visualizador de imagens, cujos recursos necessários incluem hardware, como um smartphone fácil de usar com uma câmera embutida, a disponibilidade de uma conexão de internet sem fio, a existência de plataformas de compartilhamento de imagens online e o software correspondente, a "mão invisível" que conduz os dispositivos e plataformas de serviço (TIFENTALE, 2016, p. 75, tradução nossa)<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> Inspirado na revolução copernicana, na qual Nicolau Copérnico no século XVI influenciou a mudança de um modelo geocêntrico para um heliocêntrico, alterando as estruturas da sociedade.

<sup>11</sup> No original: [...] taking a photographic image of oneself, using a camera on one's smartphone, and sharing this image on social media networks.

<sup>12</sup> No original: [...] the role of technologies in visual culture, and especially photography.

<sup>13</sup> No original: [...] an image-making, image-sharing, and image-viewing device whose necessary features include hardware such as an easy to use smartphone with a built-in camera, the

Este conceito auxilia a compreender a selfie não só a partir de sua tecnologia, mas de uma nova forma de se registrar que ela estabelece nas redes sociais ao se apropriar de elementos constantemente presentes nos retratos de si como tirar "autorretratos em espelhos, autorretratos feitos enquanto mantém a câmera no braço estendido, etc" (TIFENTALE, 2016, p. 76, tradução nossa)<sup>14</sup>. Outra característica das selfies, é uma potencialidade de presentificação, pois "substitui a certificação de um acontecimento pela certificação de nossa presença nesse acontecimento, por nossa condição de testemunha" (FONTCUBERTA, 2016, §4). Um sintoma disto é a forma como são consumidas

pois, ainda que não possuam movimento como as transmissões de vídeo ao vivo, tais imagens são geralmente visualizadas no mesmo dia em que foram produzidas e compartilhadas. Não à toa, a *tag* #tbt (*throwback thursday*) serve para evidenciar que as imagens assim compartilhadas se referem a um evento passado, evitando confundir seus "seguidores", alertando-os que "meu corpo não está neste local neste momento" (PATZDORF, 2019, p. 3).

Isto pode levar a hipótese de que fotos de perfil são importantes por evocarem um presente, uma atualidade, deixando as pessoas, em algum nível, mais próximas. Em *apps* de relacionamento de HSH, a ausência de selfies, retratos ou, até mesmo, do rosto pode provocar suspeitas e estranhamento acerca de com quem o usuário se comunicará. Uma ausência de atualidade ou desejo de privacidade podem estar relacionados com tal falta, algo que precisa ser compreendido à luz de uma perspectiva homossexual ou de HSH.

A presença e ausência de rostos pode ser o indicativo de algo dentro de *apps* de HSH e para averiguar isto, foi realizada uma coleta de dados nos três maiores *apps* do país que está exibida na tabela 1. Mesmo acontecendo em contexto de heterossexualidade também, no caso de HSH existe a permeação de um imaginário gay recriminado por anos na sociedade.

---

availability of a wireless Internet connection, the existence of online image-sharing platforms, and the corresponding software, the 'invisible hand' that drives the devices and service platforms.

<sup>14</sup> No original: [...] self-portraits in mirrors, self-portraits made while holding the camera in one's extended arm, etc.



**Tabela 1:** Perfis dos três apps de relacionamento HSH mais populares no país, tendo em vista o rosto

	<b>Grindr</b>	<b>Scruff</b>	<b>Hornet</b>
<b>Rosto visível</b>	36,84%	94,19%	57,14%
<b>Ausência de rosto</b>	58,94%	4,79%	41,66%
<b>Outros</b>	3,15%	0%	0%
<b>Não homens</b>	1,05%	0,01%	1,19%

Fonte: do autor.

Para a coleta de dados, foi realizada uma inscrição básica<sup>15</sup> nos *apps* e a observação de perfis até o máximo possível permitido em um dado ponto da cidade do Rio de Janeiro em 2019. Na análise foi possível identificar quatro formas de representação comum em todos os *apps* - (1) rosto visível: rosto presente que possibilita algum nível de identificação através de selfies ou retrato de si tanto de perto, quanto longe, além de uso de adereços; (2) ausência de rosto: havia a presença de um corpo, onde o rosto encontrava-se fora de quadro, riscado, entre outras possibilidades de anulação facial; (3) outros: não havia o uso de retratos ou selfies, mas a exibição de paisagens, objetos, animais ou qualquer outro elemento que não o sujeito; (4) não homens: usuários que performam uma identidade de gênero diferente da masculina, podendo ser mulheres cisgênero, transexuais ou travestis. Ao verificar a tabela 1, percebe-se que dois (94,19% e 57,14%) dos três *apps* têm predomínio de usuários com rosto visível. O Grindr, apresenta apenas 36,84% de usuários com rostos visíveis, contra 58,94% que não apresentam. A discrepância pode ser entendida pelo padrão de usuários de cada *app*, assim como questões que atravessam o indivíduo e o imaginário gay e seus afetos.

### **Afetos em *apps* e *nudes* enquanto rosto**

Pensar os afetos nos *apps* de relacionamento, é pensar em uma relação interpessoal estabelecida em algum nível de intimidade que, *a priori*, necessita de um rosto que nos evoque uma alteridade (LEVINAS, 1980) para que possamos nos conectar. Isto será reforçado pela exibição de visibilidade do sujeito através de selfies que vai além de um simples estar visível aos olhos do outro, relacionando-se com a intimidade:

<sup>15</sup> Os aplicativos oferecem inscrições básicas e *premium* que permite vantagens dentro do uso, como acesso à mais perfis, busca expandida de usuários, entre outros benefícios.

Construído como nosso eu visível, selfies podem nos ajudar a entender como negociamos nossos corpos e intimidades, decidindo sobre o que fazer (in)visível. [...] os corpos nus têm sido tradicionalmente considerados como parte de nossas “intimidades”; no entanto, eles agora estão totalmente “exibidos” em alguns aplicativos e [...] isso geralmente deriva de uma “reconfiguração” de nossas intimidades (ENGUIX; GÓMEZ-NARVÁDEZ, 2017, p. 2, tradução nossa)<sup>16</sup>.

Junto com as imagens de um rosto (pretendido para inicializar um afeto) em imagem de perfil de *app*, são criadas narrativas sobre o sujeito através de mecanismos discursivos e não-discursivos como título e descrição de perfil. Enguix e Gómez-Narvádez (2017) apontam essa articulação ao descreverem o Grindr que

oferece uma exibição de perfil muito sintética para os membros se apresentarem através de uma imagem (geralmente uma selfie, sujeita a uma política de conteúdo bastante restritiva) e outros elementos de texto e iconográficos (emoticons) que fornecem informações específicas sobre os membros e seus interesses. Os usuários podem ver outros usuários de acordo com sua posição geográfica (o aplicativo exibe no máximo cem perfis ordenados do mais próximo e até 300 com filtros de pesquisa, na versão paga). Por meio do aplicativo, os membros podem entrar em contato, conversar, compartilhar fotos privadas e compartilhar sua localização com outros usuários, facilitando a migração para outro sistema de mensagens ou para encontros off-line (ENGUIX; GÓMEZ-NARVÁDEZ, 2017, p. 4, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Um exemplo do que Enguix e Gómez-Narvádez (2017) descrevem se apresenta na figura 3, na qual, apesar do rosto não visível,

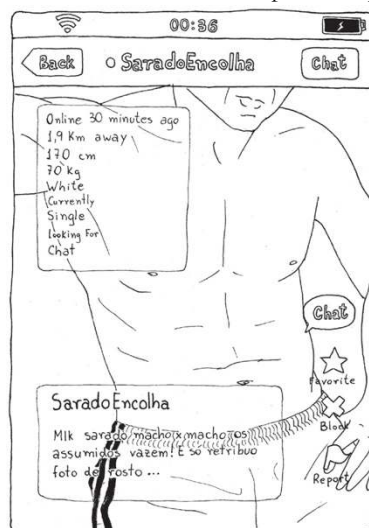
---

<sup>16</sup> No original: Constructed as our visible self, selfies can help us understand how we negotiate our bodies and intimacies by deciding on what to make (in)visible. [...] naked bodies have been traditionally considered as part of our “intimacies”; however, they are now fully “exhibited” in some apps, and [...] this commonly derives from a “reconfiguration” of our intimacies.

<sup>17</sup> No original: It offers a very synthetic profile display for the members to present themselves through a picture (that is usually a selfie, subjected to a quite restrictive content policy) and other text and iconographic elements (emoticons) that deliver specific information about the members and their interests. The users can see other users according to their geographic position (the app displays a maximum of a hundred profiles ordered from the closest, and up to 300 with search filters, in the paid version). Through the app, members may contact, chat, share private pictures, and share their location with other users, facilitating the migration to another messaging system or to off-line encounters.

um aspecto da identidade do usuário é expresso pelas suas preferências através de textos. Há o "SaradoEncolha" [uma descrição física e de afeto que é discreto - aparentemente não-homossexual - através do termo "encolha"] no título e uma descrição que a complementa: "Mlk [abreviação para "moleque", remetendo a um ideal não-homossexual] sarado[;] macho x macho[;] os assumidos[;] vazem! E só retribuo foto de rosto...". Apesar de toda a tentativa de esconder seu rosto por, ele enviará um registro de si para aqueles que apresentarem o mesmo anteriormente. Todavia, no decorrer da história humana, o afeto homoafetivos foi considerado imoral por motivos religiosos, médicos ou jurídicos. Isto pode explicar a projeção deste tipo de aplicativo por sua comodidade de flertar através de smartphones e um certo anonimato pela falta de imagens em perfis, além de funcionar como uma atualização contemporânea da prática do *cruising*<sup>18</sup>.

**Figura 3:** Exemplo de usuário usando textos para complementar identidade



Fonte: Camilo Martins e Miriam Kaji. In: Bonfante, 2016, p. 213.

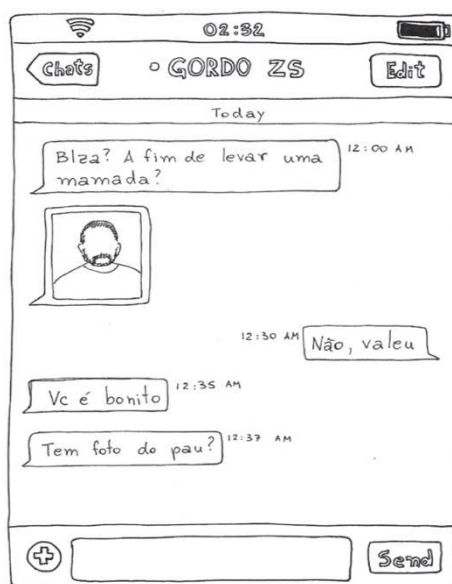
Desta forma, alguns imaginários são criados como o do homem discreto que passa uma imagem de heterossexual, o homossexual promíscuo, o homem afeminado, entre outros. Entretanto, uma vez que ser gay é algo feio de ser, um investimento à visibilidade do corpo belo

<sup>18</sup> A prática do cruising, segundo Bonfante (2016, p. 139), é a "prática de encontros homoeróticos adequadas aos regimes de marginalidade e invisibilidade. [...] O cruising se organizou tradicionalmente em parques, banheiros públicos e dark rooms; contudo, os aplicativos permitiram a colonização dos ambientes virtuais pela pegação". O cruising poderá ser entendido como a gíria "pegação".

torna-se uma forma de escape para se sobressair em uma sociedade estigmatizada (HALPERIN, 2012). O ideal de corpo dentro da cultura de HSH priorizou um corpo que fugiu do estereótipo do não saudável dentro do campo da pornografia, que no caso gay "teve um papel político-estético que ajuda a compreender por que, no presente, as novas mídias ainda bebem nela mantendo-a como referente" (MISKOLCI, 2015, p. 141). Este corpo idealizado acaba remetendo ao culto da masculinidade heterossexual que é influenciada do contexto do pós-guerra dos soldados viris, do gay macho da revolução sexual e do contexto do HIV e AIDS - o corpo saudável/sarado em contraponto ao corpo criado do imaginário do sintoma da doença (MISKOLCI, 2017).

Uma vez passada a questão da exposição e da ausência do rosto, entra em cena as *nudes* que funcionam como um estímulo sexual ou substituto de uma ausência facial. Uma *nude* é um elemento fundamental nos afetos estabelecidos neste contexto, "uma nude [...] no primeiro contato, assim como convites para relações sexuais são muito freqüentes nos apps de pegação" (BONFANTE, 2016, p. 158). Além de atuar como um convite, uma *nude* "pode tranquilizar ou alarmar, satisfazer curiosidade ou provocar culpa, despertar desejo ou nojo"(COOPER, 2007, p. 9, tradução nossa)<sup>19</sup>.

**Figura 4:** Comunicação entre usuário com perfil sem rosto, pedindo *nude*.



Fonte: Camilo Martins e Miriam Kaji. In: Bonfante, 2016, p. 212.

<sup>19</sup> No original: [...] can reassure or alarm, satisfy curiosity or provoke guilt, arouse desire or disgust.

Na figura 4, o "convite" pode ser entendido pelo pedido desejante do usuário que pede uma foto do "pau" [gíria para o órgão sexual masculino] de forma a adentrar da intimidade do outro usuário. Possivelmente ele não possui uma foto de rosto em seu perfil, por isso envia uma seguida de sua primeira mensagem. Uma vez que, possivelmente, o rosto do segundo usuário está visível [o que pode ser entendido através da sentença "Vc [você] é bonito"], resta em seguida o pedido de uma *nude* para aprofundar ainda mais o afeto sexual que se encontra no campo da imaginação e que não tange o campo da potencialidade física naquele momento.

A espera do convite pode ser subvertida pelo convite em si, quando em seu primeiro contato, um usuário, já envia uma *nude* como indicativo de desejo para atividade sexual em breve (Figura 5). Não é possível saber se o usuário possui um rosto presente em seu perfil, mas em alguns casos, através do processo de alteridade (LEVINAS, 1980), um órgão sexual pode ser o substituto da face e provocar um afeto humano, por mais efêmero que seja.

A *nude* se encontra no campo de fricção entre pornográfico e nudez que funciona dentro de um mercado como moeda de troca, tornando-se "uma espécie de metamorfose em 'mercadoria' vendável em um mercado regido pela desejabilidade sexual ou amorosa" (MISKOLCI, 2017, p. 247). Logo, é preciso entender o que é pornografia para não confundir com o que pode acontecer com uma *nude*. Deste modo, a pornografia atuaria como

um produto que apresenta uma representação obscena padronizada [...] voltado para o consumo de massas, tendo um mercado estabelecido e possuindo como principal objetivo o prazer sexual de seus consumidores e o lucro de seus produtores (LEITE JÚNIOR, 2011, p. 11).

Figura 5: Usuário envia *nude* como primeiro contato



Fonte: Camilo Martins e Miriam Kaji. In: Bonfante, 2016, p. 212.

Assim, a *nude* não se caracteriza enquanto pornografia embora possa remeter a uma dada estética, sendo que o sujeito que a produz não atua, em certos casos, na indústria pornográfica. No que tange ao corpo inserido na *nude*, ela está entre a nudez (*nude*) e o despido (*naked*), onde a primeira se relaciona a uma beleza artística, isenta, *a priori*, de tabus. O segundo é a prática de despir o corpo e escancará-lo (CLARK, 1980). A prática de estar despido e seus tabus se relacionam com questões religiosas pautadas no Gênesis da bíblia, quando Adão e Eva pecam e descobrem seu estado despido, desta forma, a "nudez só se dá depois do pecado. Antes do pecado havia ausência de vestes [*Unbekleidetheit*], mas esta não era ainda nudez [*Nacktheit*]. Ela pressupõe a ausência de vestes, mas não coincide com ela" (PETERSON *apud* AGAMBEN, 2010, p. 74), sendo um forte tabu para a religião a ponto do Concílio de Trento, em 1563, ter "decretado [...] que todos os retratos lascivos de beleza desavergonhada em figuras sagradas são proibidos" (COOPER, 2007, p. 8, tradução nossa)<sup>20</sup>. A tradição cristã separa o nu de alguém desnudado, onde o primeiro se atrela à uma inocência antes do Pecado e o segundo à consciência de se estar despido. Agamben (2010, p. 84) descreve uma passagem na qual as

<sup>20</sup> No original: [...] decreed [...] that all lascivious portrayals of unashamed beauty in sacred figures are hereby forbidden.

partes do corpo que podiam ser livremente expostas na glória (*glorianda*) tomam-se assim qualquer coisa que deve ser escondida (*pudenda*). Daí a vergonha, que impele Adão e Eva a cobrirem-se com as cinturas de folhas de figueira e que a partir de então é tão inseparável da condição humana.

Dentro das estéticas artísticas, o poeta Paul Valery (*apud* HADDAD, 1990) destacou que o nu proporcionava duas concepções na Arte - a do Belo e a da Obscenidade. Isto reforça a concepção inicial que Clark (1980) e Agamben (2010) trabalham em suas obras que atuam até hoje na sociedade contemporânea. Com a fotografia, a nudez masculina foi realizada desde o advento da câmera, mas somente a partir de 1840 começou a eclodir devido ao tempo de exposição menor para alguém posar de forma confortável (COOPER, 2007). Após superadas as questões quanto a estar sem roupas, as imagens de nu masculino "podem ser consideradas como ameaçadoras, ou como ícones desejáveis da beleza, ou como reforço do poder patriarcal" (COOPER, 2007, p. 8, tradução nossa)<sup>21</sup>. Por razões religiosas, nas artes, as únicas formas de nudez permitidas eram através da dor e do sofrimento, nas quais "o corpo masculino não [era] como um templo de beleza física [...] para a exibição de proporção de beleza ou celebração, mas um objeto de mediação na dor e na angústia de Cristo e seu sofrimento físico e espiritual" (COOPER, 2007, p. 8, tradução e grifos nossos)<sup>22</sup>.

### Considerações finais

Ultrapassadas as questões modernas, a nudez dentro de uma *nude* irá para além de si, ao constituir "um *gesto* que sensibiliza a superfície das imagens, promovendo uma mutação na nossa faculdade perceptiva e alavancando uma espécie de "sentir transorgânico", capaz de transformar estímulos informativos em afetos corporais" (PATZDORF, 2019, p. 1). Por sua força de presentificação de selfie, as *nudes* permitem uma aproximação entre os sujeitos em seu compartilhamento. Assim como as selfies, uma *nude* é criada por meio do uso de um smartphone a ser compartilhada em uma rede social com o auxílio da internet usando um mesmo dispositivo como a câmera em rede (TIFENTALE, 2016).

---

<sup>21</sup> No original: Can be regarded as threatening, or as desirable icons of beauty, or as reinforcement of patriarchal power.

<sup>22</sup> No original: [...] the male body not as a temple of physical beauty [...] for the display of beautiful proportion or celebration, but as an object of meditation on the pain and anguish of Christ and his physical and spiritual suffering.

Entretanto, enquanto as selfies são publicadas para o público ou um certo grupo restrito de pessoas (macroengajamento), a *nude* é direcionada a alguém específico enquanto um potencial de convite em detrimento de uma presentificação (microengajamento).

Neste aspecto, segundo Patzdorf (2019, p. 2), embora "não haja a possibilidade de tocar imediatamente o corpo com o qual se comunica nessas situações online, há certamente uma relação que é fundamentada na sensação de presença que tais imagens promovem; e é justamente essa "sensação de presença". Usando a ideia de retrato expandido, a *nude* se torna uma forma de selfie, mesmo sem a ausência de rosto, pois a representação do sujeito é construída a partir de uma ideia acerca do mesmo (LEVINAS, 1980; SLOTERDIJK, 2007) e do processo de rostificação (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Logo, uma *nude* se apresenta "enquanto *gesto*. Assim, os *nudes* não são representações do corpo, mas um *gesto corporal* propriamente cujos efeitos são sentidos a distância, por outros corpos, via outras telas que temporariamente se conectam com aquele corpo que gesticula do "outro lado" (PATZDORF, 2019, p. 7).

A partir dos estudos acerca do rosto e seus desdobramentos políticos, sociais, éticos e afetivos, compreende-se que esse ainda é um fator importante sobre o signo humano. Apesar de haver grande parte de pessoas não se apresentando diretamente com rostos nos aplicativos de HSH como indicou a tabela 1, ele se torna uma questão *a posteriori* para produção de algum afeto. Algo que surge quando é expresso um desejo de contato com um rosto através de descrições em perfis, no envio de um registro facial no começo de um diálogo ou, simplesmente, o envio de uma *nude* como substituta do lugar do rosto.

O rosto evoca ao menos um traço da personalidade alguém, podendo, em alguns casos, indicar grupos sociais que o sujeito pode estar inserido. Dentro da historiografia da homossexualidade, diversos fatores influenciaram a construção do imaginário gay que perdura no contemporâneo como a promiscuidade evocada pelo *cruising*, o estigma do HIV e AIDS, e o pecado propagado por religiões. Assim, o rosto precisa ficar escondido para sobreviver ao preconceito e se afirmar, em algum nível, a um imaginário de masculinidade que se encontra fora do meio gay. É possível que tal comportamento permaneça dentro da sociedade enquanto as práticas homossexuais forem consideradas um tabu, uma forma de vergonha que empeça a performatividade de sua sexualidade.



No que tange a prática das *nudes*, assim como selfies, elas atuam como atualização de práticas fotográficas tradicionais ultrapassando possíveis considerações quanto material pornográfico. O corpo e sua fragmentação estiveram presentes em alguns momentos da História da Arte, sendo objetificado ou como um retrato expandido. Enquanto convite, ela permite uma experiência que ultrapassa a presentificação da selfie, tangendo um potencial de experiência futura imediata.

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. Nudez. In AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2010, p. 71-106.

BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação**. Performances íntimo-espetaculares de si. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.

BUTLER, Judith. Precarious life. **The power of mourning and violence**. London, New York: Verso, 2004, p. 128-152.

CLARK, Kenneth. The naked and the nude. **The nude**. A study in ideal form. Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 3-29.

COOPER, Emmanuel. **Fully exposed**. The male nude in photography. Abingdon, New York: Routledge, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Ano Zero – Rostidade. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto *et al.* São Paulo: Editora 34, 1996, p. 31-62.

ENGUIX, Begonya; GÓMEZ-NARVÁEZ, Erick. Masculine bodies, selfies, and the (re)configurations of intimacy. **Men and Masculinities**, Sage, v. 21, nº 1, p 1-10, 2017.

FONTCUBERTA, Joan. Dança sélfica. Tradução de Antônio Xerxenesky. **Revista ZUM online**: Instituto Moreira Salles, 2016. Disponível em: <http://revistazum.com.br/revista-zum-11/danca-selfica/>. Acesso em 01 mai. 2019.

HADDAD, Michele. **La divine et l'impure**: Le nu au XIXe. Paris, Jaguar, 1990.

HALPERIN, David. **How to be gay**. Cambridge: University of Harvard Press, 2012.

KRAUSS, Rosalind. Sculpture in the expanded field. **October**, v. 8, p. 30-44, 1979.

LEITE JR., Jorge. A pornografia contemporânea e a estética do grotesco. **Revista (In)Visível**, edição zero, p. 10-22, 2011.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, Lda., 1980.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. Do armário à discrição: regimes de visibilidade sexual das mídias de massa às digitais. In PELÚCIO, Larissa *et al.* (org.). **No emaranhado da rede**: gênero sexualidade e mídia: desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume, 2015, p. 131-148.

MUMFORD, Lewis. The eotechnic phase. **Technics and Civilization**. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1955, p. 107-150.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O problema de Sócrates. In NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 17-23.

PATZDORF, Danilo. **Selfies & nudes**: a indistinção entre o corpo e a imagem. 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/38462397/Selfies\\_and\\_Nudes\\_-\\_a\\_indistin%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_o\\_corpo\\_e\\_a\\_imagem\\_-\\_Artigo\\_publicado\\_como\\_ep%C3%ADlogo.pdf](https://www.academia.edu/38462397/Selfies_and_Nudes_-_a_indistin%C3%A7%C3%A3o_entre_o_corpo_e_a_imagem_-_Artigo_publicado_como_ep%C3%ADlogo.pdf). Acesso em 01 mai. 2019.

RODRIGUES, Tiago dos Santos. A noção de rosto em Emmanuel Levinas. **InterEspaço**, Grajaú, v. 2, n. 6, p. 396-407, 2016.

SLOTTERDIJK, Peter. Between faces. On the appearance of the interfacial intimate sphere. In SLOTTERDIJK, Peter. **Spheres**. Volume I: Bubbles. Microspherology. Los Angeles: Semiotext(e), 2007, p. 139-206.

TIFENTALE, Alise. Why every self-portrait is not a selfie, but every selfie is a photograph. In MICULE, Santa (Ed.). **Riga Photography Biennial 2016 Publication**. Riga: Rīgas Fotografijas biennale, 2016, p. 74-127.

WEST, Shearer. **Portraiture**. New York: Oxford University Press, 2004.